

EMPREGO RURAL NA FRUTICULTURA PARAIBANA NO PERÍODO 1990-2004

Ana Paula Lopes de Souza - UFPB

Prof. Dr. Guilherme de Albuquerque Cavalcanti – UFPB

Resumo *A fruticultura paraibana caracteriza-se como uma importante alternativa na geração de emprego e renda. A literatura existente sobre a fruticultura paraibana revela que há uma precariedade de informações estatísticas que revelem a evolução do emprego gerado por essa atividade no Estado. Desta forma, a preocupação desse trabalho de pesquisa é contribuir para o preenchimento desta lacuna. Serão utilizadas como referencial de estudo as frutas de maior importância para a economia paraibana entre 1990 e 2004, quais sejam: abacaxi, banana, coco-da-baía, laranja e mamão. O objetivo deste estudo é estimar o número de empregos gerado na produção de frutas na Paraíba, destacando sua evolução recente. A estimação é feita com base em dados secundários junto ao IBGE e BNB. O marco teórico tem como base teorias que versem sobre o mercado de trabalho. Os resultados indicam que, dentre as frutas estudadas, a maior oferta de empregos/ano encontra-se nas lavouras de banana, coco-da-baía e abacaxi, respectivamente. Percebe-se ainda que fatores sazonais, como seca e institucionais, como cobrança de impostos provocam redução no nível de emprego. Conclui-se que a fruticultura paraibana foi responsável, em média, entre 1990-2004, pela geração de 51.700 empregos/ano, revelando sua importância social e econômica para o Estado.*

Palavras-chaves: Fruticultura. Geração de emprego. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Tendo um extenso território com diferentes condições climáticas e tipos de solos, o Brasil apresenta uma produção agrícola extremamente diversificada. A fruticultura, apesar de representar apenas cerca de 5% da área cultivada no país, é uma das atividades capaz de assegurar um percentual significativo de volume de produção e da sua pauta de exportação (SILVA, 1998).

O Nordeste brasileiro, caracterizado por variadas condições topográficas e por diversos tipos de solos, tem se destacado nos últimos anos na produção de frutas. Em vários Estados da região a fruticultura vem despontando como uma atividade de produção agrícola em rápido crescimento.

Para o Estado da Paraíba, a fruticultura apresenta-se como uma atividade de grande importância social e econômica. Segundo o Sebrae (2005), os produtores agrícolas paraibanos encontraram na fruticultura a alternativa mais viável para a geração de emprego e renda.

A literatura existente sobre o tema revela que há uma precariedade de informações no tocante a dados que abrangem a evolução do emprego gerado pela fruticultura paraibana. Desta forma, a preocupação desse trabalho de pesquisa é contribuir para o preenchimento desta lacuna

buscando descrever a situação do emprego em algumas importantes fruteiras cultivadas internamente. Serão utilizadas como referencial de estudo as frutas de maior importância para a economia paraibana entre 1990 e 2004, que são: abacaxi, banana, coco-da-baía, laranja e mamão.

No presente estudo, os tópicos de emprego na fruticultura paraibana passam para exposição do modelo de geração teórica de emprego aplicado para estimar o emprego rural na fruticultura paraibana. (MARTINS, 1997).

Diante do exposto, o estudo procura responder ao seguinte problema: Como se deu a evolução do emprego rural na fruticultura paraibana no período de 1990 a 2004?

Para tal, tem-se como objetivo geral:

◆ Descrever a geração de emprego da mão-de-obra rural na produção de frutas na Paraíba, no período de 1990 a 2004.

Ao lado deste objetivo geral, encontram-se os seguintes objetivos específicos:

◆ Estimar a quantidade de emprego gerado na produção das frutas abacaxi, banana, coco-da-baía, laranja e mamão;

◆ Mostrar a tendência do emprego frutícola no Estado;

◆ Descrever as variações deste emprego.

Para alcançar tal objetivo, dividiu-se este artigo em cinco seções, afora a introdução. A segunda seção, a fundamentação teórica, apresenta as principais idéias acerca de teorias que versam sobre o mercado de trabalho. A terceira seção contém a metodologia da pesquisa, que descreve a origem e o tratamento dos dados que serviram de base para o presente estudo. Na quarta seção são apresentados as estimativas do número de pessoas ocupadas nas principais fruteiras do Estado. Finalizando, são apresentadas as conclusões acerca dos resultados obtidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um trabalho desta natureza, que procura estimar a quantidade de emprego gerado na produção de frutas do Estado, deve ser elaborado tendo como referencial de estudo escolas econômicas que desenvolveram estudos sobre o mercado de trabalho.

Segundo a escola de orientação marxista, os avanços do capitalismo, conduzidos por caminhos diversos e segundo diversas estratégias, tornam-se agentes da aceleração das transformações tecnológicas. Estas transformações tornaram-se mais significativas a partir da produção mecanizada obtida com o desenvolvimento da maquinaria.

Tais transformações implicaram em grandes desafios para o setor frutícola, principalmente, nas regiões mais atrasadas do país, levando à necessidade da adoção de novas técnicas de produção com o objetivo de se tornarem mais competitivos.

Em uma sociedade capitalista todo meio de produção serve de capital, porque acarreta a seu possuidor, via trabalho assalariado, a mais-valia. Assim, a necessidade de obtenção de lucro cada vez mais crescente se dá mediante o barateamento do custo de produção. Isto significa, em outras palavras, que os setores que não adotarem inovações tecnológicas, provavelmente terão maior dificuldade em aprimorar a qualidade de seus produtos, diversificar sua produção e reduzir seus custos (FERREIRA, 1997).

Uma das funções principais do progresso tecnológico é aumentar a capacidade produtiva, ou seja, fazer com que ou a mesma quantidade de trabalho resulte numa produção maior ou uma menor quantidade de trabalho obtenha a mesma produção.

Além do exposto, o desenvolvimento tecnológico traz indesejáveis conseqüências sociais, pois, ao alterar a demanda por trabalho, as transformações tecnológicas agem diretamente na composição orgânica do capital, tornando excedente um contingente crescente de trabalhadores. Em razão disto, como na agricultura o ritmo de expansão da acumulação não compensa essa expropriação, a tendência é que haja uma redução absoluta e relativa do emprego da força-de-trabalho no campo (TARGINO, 1992).

As considerações até aqui apresentadas, fornecem o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento do objetivo proposto neste trabalho acerca do exame do emprego na fruticultura da Paraíba.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa consiste na utilização de um modelo de geração teórica de emprego aplicado para quantificar estimativas de emprego no meio rural. Como não se dispõe de dados diretos acerca da evolução da mão-de-obra ocupada na fruticultura paraibana, procurar-se-á estimar o número de pessoas empregadas na produção paraibana de abacaxi, banana, coco-da-baía, laranja e mamão a partir de um coeficiente técnico que nos dá a demanda média da cultura por força de trabalho humana.

A pesquisa é do tipo exploratória e descritiva. Exploratória porque o tema escolhido, o emprego rural na fruticultura paraibana, é pouco conhecido ou explorado, apresentando pouco conhecimento acumulado. Descritiva por ter o objetivo primordial de descrever o comportamento do emprego da mão-de-obra na produção de frutas na Paraíba, destacando sua evolução recente. (GIL, 1995).

Os dados que dão suporte às análises realizadas neste estudo, foram obtidos junto a publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

Para quantificar o nível de emprego é necessário saber quantos homens trabalham em cada hectare da fruta estudada, ou seja, os coeficientes técnicos de mão-de-obra. De posse dessas informações, é preciso identificar a área ocupada com a produção de cada fruta em termos de hectare no Estado.

Para obter estatísticas mais próximas da realidade, se fez necessário considerar os dias efetivamente trabalhados no cultivo de cada fruta. Do contrário, os resultados seriam superestimados uma vez que o homem nordestino dedica, em média, 245 dias úteis no plantio, tratos culturais e colheita de cada fruta.

Além disso, o ciclo produtivo da fruticultura varia bastante, ou seja, entre uma colheita e outra, as frutas demoram um determinado período para serem colhidas após o seu plantio, o que poderá subestimar ou superestimar a demanda total de mão-de-obra calculada. Para evitar tal variação e aproximar os dados à realidade de forma mais precisa, foram obtidos junto a EMATER-PB as informações relativas ao ciclo produtivo de cada fruta. Ficou constatado que a banana possui 2 ciclos/ano, o Coco-da-baía, 3ciclos/ano e as demais frutas apenas 1 ciclo/ano.

De posse destas informações, multiplica-se o ciclo produtivo pelo coeficiente técnico de cada fruta. O valor encontrado nessa multiplicação é dividido pelo número de dias úteis, de modo a se achar, a demanda bruta de emprego.

Pode-se então, estimar a geração teórica de emprego rural nas principais fruteiras do Estado, ao longo dos anos. Para isso, basta multiplicar a oferta bruta de emprego pelo total de hectares utilizados na produção de cada fruta (área colhida), obtendo-se, dessa forma, uma estimativa do nível de ocupação da mão-de-obra, ou seja, o número de pessoas ocupadas na fruticultura paraibana.

Não obstante os cuidados metodológicos/analíticos cumpridos deve-se desde já destacar as limitações inerentes à modalidade da pesquisa compreendida, quais sejam: considera-se que os dias efetivamente trabalhados no campo são aproximadamente 245 dias úteis para todas as frutas. Além disso, a metodologia adotada fornece apenas uma estimação do nível de ocupação da mão-de-obra, ou seja, é uma aproximação teórica da realidade. Vale salientar também que os coeficientes técnicos utilizados permaneceram constantes ao longo da série histórica, denotando uma estabilidade no nível tecnológico empregado pelos produtores.

Estando ciente de todas as limitações do modelo adotado, os resultados obtidos servem como indicadores representativos do que se pode denominar geração teórica de emprego que guarda uma estreita relação com a realidade econômica.

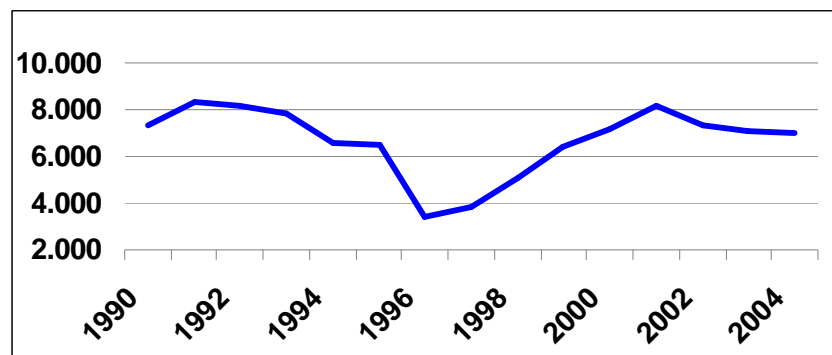
4 ASPECTOS DO EMPREGO NA FRUTICULTURA PARAIBANA DE 1990 A 2003

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados referentes à estimação do emprego rural na fruticultura paraibana no período de 1990 a 2004. Serão apresentados dados sobre o emprego para o abacaxi, banana, coco-da-baía, laranja e mamão.

4.1 Emprego rural na produção do abacaxi

A produção estadual de abacaxi contribuiu, ao longo do período estudado, com uma média de 6.686 empregos/ano. É nítida a percepção da queda deste emprego até 1997. Uma das explicações encontra-se no fato de que, ao contrário dos demais estados do país, o governo da Paraíba decidiu manter a cobrança do ICMS na venda do abacaxi para o mercado nacional, desestimulando sua produção, reduzindo sua área colhida. Conseqüentemente, o nível de emprego gerado por esta fruta também diminuiu. Com isso, houve uma queda expressiva na geração de emprego da abacaxicultura no Estado. No entanto, com o fim desta cobrança, o emprego gerado pela produção do abacaxi paraibano volta a elevar-se. (Ver gráfico 1).

Gráfico 1
Paraíba: Evolução do Emprego na Produção de Abacaxi
1990 - 2004



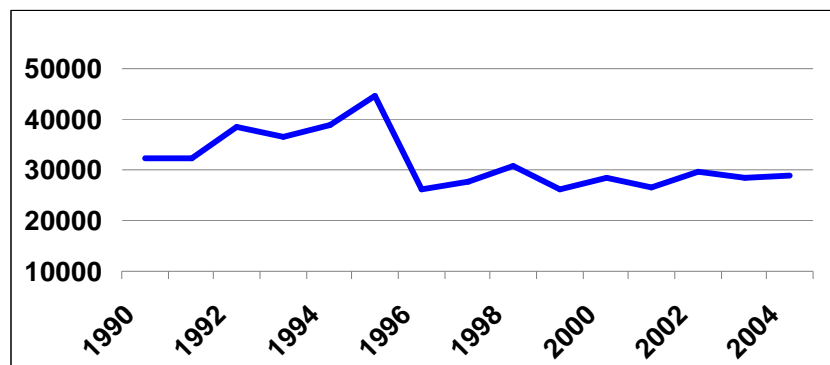
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BNB e IBGE.

4.2 Emprego rural na produção de banana

A banana é a fruta que mais contribui para a geração de emprego no Estado, uma vez que possui a maior área colhida dentre as cinco estudadas. Percebe-se que ao longo do período, foram gerados, em média, 31.671 empregos/ano. O nível de emprego no setor produtor de banana permaneceu elevado até 1995, reduzindo-se drasticamente a partir daí, passando de 44.467 empregos/ano em 1995 para 28.763 empregos/ano em 2004. (Ver gráfico 2).

Levando em consideração que a produção paraibana de banana concentra-se basicamente no sertão, as secas verificadas no período de 1993, 1998, 1999 e 2001 contribuíram para redução do emprego proporcionado por essa fruta na segunda metade dos anos 1990, uma vez que 80% da produção de banana no Estado não é irrigada, o que evidencia um certo atraso tecnológico nesse sentido.

Gráfico 2
Paraíba: Evolução do Emprego na Produção de Banana
1990 - 2004



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BNB e IBGE.

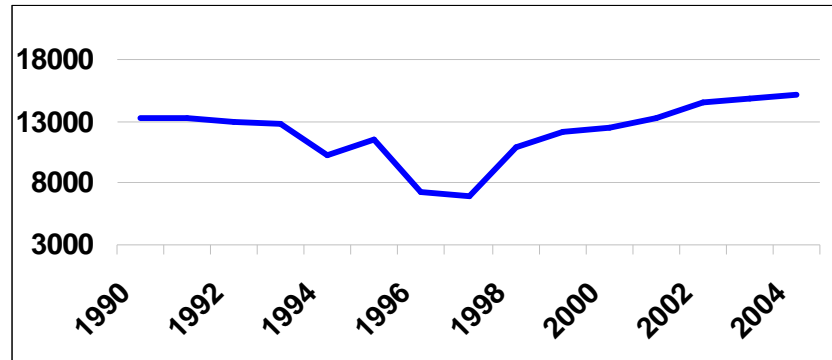
4.3 Emprego rural na produção de Coco-da-baía

Examinando o emprego gerado pelo coco-da-baía, percebe-se que esta fruta emprega, em média, 12.098 pessoas por ano, em função de possuir uma área colhida relativamente elevada.

Observa-se a redução deste emprego até 1997, quando a partir daí, começa a elevar-se ininterruptamente. A queda mais acentuada principalmente a partir de 1993 reflete os efeitos da seca de 1993, que prolongou-se nos anos seguintes, contribuindo, desta forma, para redução do emprego nesse período.

O crescimento do número de pessoas ocupadas a partir de 1997 traduz a expansão da demanda do coco-da-baía nos mercados do Sudeste/Sul do país, em função do consumo do coco in natura.

Gráfico 3
Paraíba: Evolução do Emprego na Produção de Coco-da-Baía
1990 a 2004

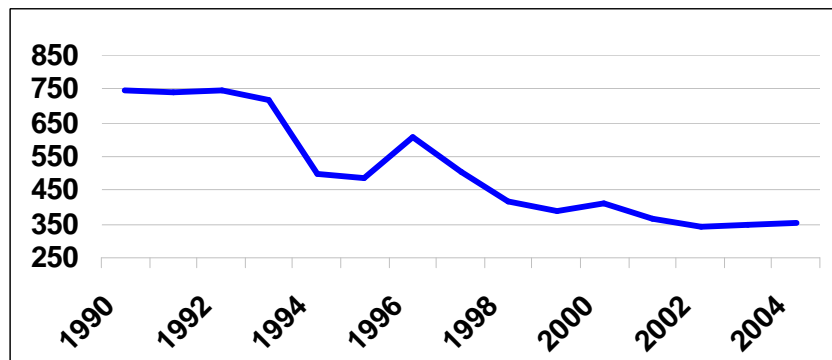


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BNB e IBGE.

4.4 Emprego rural na produção de laranja

A área colhida da laranja no Estado é relativamente baixa e vem reduzindo-se com o passar dos anos. Isto é refletido no emprego proporcionado por esta fruta. Percebe-se que ao longo do período em estudo, houve perda na importância desta fruta no tocante a geração de emprego no Estado. Esta situação foi agravada devido às sucessivas secas dos anos de 1993, 1998, 1999 e 2001, que contribuíram para a redução da área colhida e conseqüentemente da geração de emprego, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4
Paraíba: Evolução do Emprego na Produção de Laranja
1990 a 2004

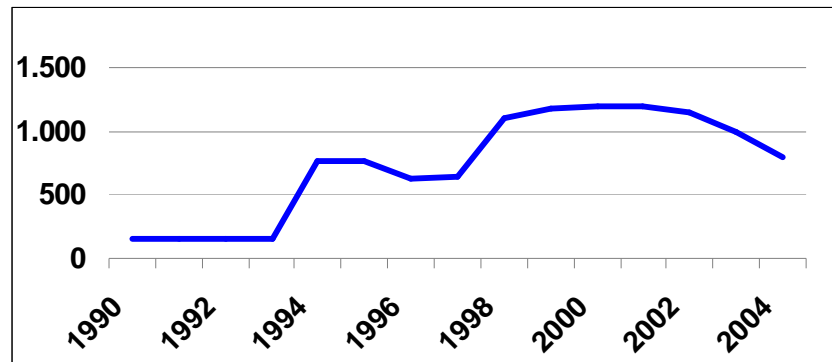


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BNB e IBGE.

4.5 Emprego rural na produção de mamão

No Estado da Paraíba, o mamão possui o menor percentual de área colhida dentre as frutas estudadas, gerando, em média, 733 empregos/ano. O NPO do mamão tem uma tendência ascendente entre 1990 e 2001, reduzindo-se a partir de então em decorrência da seca de 2001. (Ver gráfico 5).

Gráfico 5
Paraíba: Evolução do Emprego na Produção de Mamão
1990 a 2004



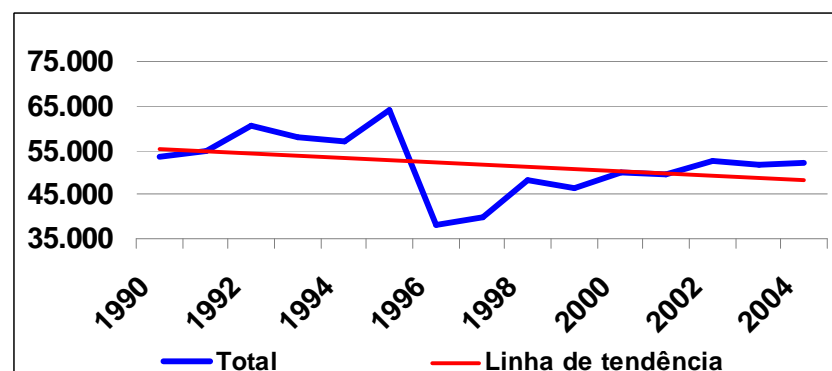
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BNB e IBGE.

4.6 Total de empregos gerados na fruticultura paraibana

De acordo com a estimativa feita nesta pesquisa, a fruticultura paraibana é responsável, em média, pela geração de 51.700 empregos/ano. Em 1990, os 40.238 hectares de frutas colhidos no Estado, foram responsáveis pela geração de 53.577 empregos. Em 2004, o número de pessoas ocupadas reduziu-se para 52.063 em consequência da redução da área colhida (39.350 hectares).

A tendência na geração de emprego proporcionada pelo conjunto das frutas é decrescente como mostra o gráfico 6.

Gráfico 6
Evolução do Emprego Total na Fruticultura Paraibana
1990 2004



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BNB e IBGE.

5 CONCLUSÃO

A atividade frutícola absorve uma parcela expressiva da mão-de-obra rural estadual, mas apesar disso, há uma tendência de queda na geração do emprego proporcionado por essa atividade no Estado.

De acordo com a estimacão feita nesta pesquisa, a maior oferta de emprego frutícola encontra-se nas lavouras de banana (31.671 empregos/ano), coco-da-baía (12.098 empregos/ano) e abacaxi (6.686 empregos/ano), em funo de possuírem uma área colhida relativamente elevada.

A fruta que menos emprega trabalhadores no Estado  a laranja (511 empregos ano), além disso, percebe-se que esta fruta vem perdendo importância na gerao de emprego ao longo do período estudado.

Merece destaque o mamão, que obteve tendência ascendente até o ano de 2001. No entanto, esta tendência foi interrompida pela seca que teve inicio neste mesmo ano e prolongou-se nos anos seguintes.

Novas técnicas de produo tais como, o uso de sistemas de irrigao, poderiam elevar a área colhida, contribuindo para elevar o número de empregos, uma vez que o sistema de irrigao deixa a terra produtiva praticamente o ano todo, minimizando os efeitos das secas. No entanto, no Estado da Paraíba verifica-se certo atraso tecnológico nesse sentido uma vez que, dentre as frutas estudadas, apenas o mamão  100% irrigado.

Assim, um dos fatores responsáveis pela reduo da área colhida e do emprego frutícola total na Paraíba,  o atraso tecnológico evidenciado pela baixa irrigao. Com isso, os períodos de seca reduzem significativamente o número de empregos gerados pela fruticultura paraibana.

6 REFERÊNCIAS

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TCNIA E RURAL DA PARAÍBA. . **Notícias**. Disponível em: <www21.sede.emater.br/Internet/linhas_de_acao/fruticultura/get. Acesso em: 23 jun.2005.

FERREIRA, L. C. **Desemprego Tecnológico**: uma abordagem introdutória. João Pessoa, 1997.

GIL, Antnio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilizao Brasileira, 1985.

MARTINS, Alexandre Lyra. **Cotonicultura e emprego rural**: considerao sobre os efeitos do bicudo no nível de emprego rural no Nordeste (1983 – 1991). 1997. 123f. Dissertao (Mestrado em Ciências Econmicas). João Pessoa/PB: Departamento de Economia, Universidade Federal da Paraíba, 1997.

SEBRAE PARAÍBA. **Fruticultura**. Disponível em: <www..sebraepb.com.br/noticias.jsp?pagina=noticia&idNoticia=68&idCategoria=1 - 26k>. Acesso em: 25 jun. 2005.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp,1998.

TARGINO, I. **A produo de trabalhadores para o capital**: algumas notas introdutórias. João Pessoa, CME/UFPB, Texto para discussão, 16p. 1992.